

Coro Gulbenkian

Jorge Matta
João Barradas
Inês Mesquita

Canções Heroicas
e de Intervenção



23 abr 24

23 abr 24 TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro Gulbenkian

Jorge Matta Direção

João Barradas Acordeão

Inês Mesquita Piano

Hinos e Canções de Rua das Lutas Liberais

Hymno da Carta Constitucional

A Quinta do Ramalhão

Oh Braga fiel

Canção Vilanovense

Fernando Lopes-Graça

Canções Heroicas (seleção)

Acordai!

Jornada

Convite

Cantemos o novo dia

Combate

Ronda

Livre

Fernando Lopes-Graça

Os homens que vão p'ra guerra

José Calvário

E depois do adeus

(arr. de Miguel Almeida)

Nuno Guimarães

Canção dos marinheiros

(arr. de Tiago Marques)

Luís Cília

Canção do desertor

(arr. de Miguel Jesus)

Vitorino

A Ilha de Samui

(arr. de Jorge Matta)

José Mário Branco

O nevoeiro

(arr. de Miguel Almeida)

Sérgio Godinho

O galo é o dono dos ovos

(arr. de Fernando Lapa)

Zeca Afonso

Maio, maduro Maio

(arr. de Fernando Lapa)

Eurico Carrapatoso

Tríptico Afonso

Cantigas do Maio

Venham mais cinco

Traz outro amigo também

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h

CONCERTO SEM INTERVALO

Canções Heroicas e de Intervenção

Num programa comemorativo dos 50 anos do 25 de abril, lembramo-nos de imediato das *Canções Heroicas* de Fernando Lopes-Graça e das muitas canções de intervenção de autores portugueses que falam expressamente dos anseios e das lutas pela liberdade durante o Estado Novo. Mas porquê não estendermos essa escolha também a outras épocas como, por exemplo, as lutas liberais entre 1820 e 1834 e as canções cantadas pelos partidários dos liberais e dos absolutistas?

Desde o movimento iniciado no Porto, em 1820, que defendia a formação de uma monarquia constitucional, o retorno da corte do Brasil e o 1.º Parlamento Liberal, em 1821, a elaboração e a implementação da 1.ª Constituição Portuguesa, em 1822, a nova *Carta Constitucional*, em 1826, até à guerra civil de 1832-34, muitos foram os episódios populares protagonizados pelos partidários da Rainha D. Carlota Joaquina e do Infante D. Miguel, por um lado, e de D. João VI e de D. Pedro, por outro. Como exemplos, incluímos neste programa o *Hymno da Carta Constitucional*, e as canções de rua *A Quinta do Ramalhão* (canção pró-liberal, escarnecendo D. Carlota Joaquina, que se recusou a assinar a Constituição, e que aí vivia exilada), *Oh Braga fiel* (cantada pelos partidários de D. Miguel) e *Canção Vilanovense* (que defendia D. Pedro e a Constituição). Todos este hinos e canções foram extraídos do *Cancioneiro de Músicas Populares* de César das Neves.

Fernando Lopes-Graça (1906-1994) é um dos mais significativos vultos da cultura portuguesa do século XX. Professor, musicólogo, ensaísta, pianista e compositor, deixou uma importantíssima obra musical, em vários géneros, dos quais ressalta a música coral, em grande parte resultante das suas pesquisas etnomusicológicas por todo o país. Homem socialmente empenhado e militante de esquerda, o que lhe trouxe dissabores, compôs muitas canções de intervenção, entre 1945 e 1985, quase sempre sobre textos de importantes poetas portugueses, cantadas ao longo dos anos por todos os grupos corais amadores com alguma preocupação social. Destas, serão cantadas hoje algumas *Canções Heroicas*, para vozes e piano: *Acordai! e Jornada*, sobre textos de José Gomes Ferreira; *Convite*, de Antunes da Silva; *Cantemos o novo dia*, de Luísa Irene; *Combate*, de Joaquim Namorado; *Ronda*, de João José Cochofel; e *Livre*, de Carlos de Oliveira.

A canção *E depois do adeus*, de José Niza e José Calvário, vencedora do Festival da Canção de 1974, tem a particularidade de ter sido transmitida pelos Emissores Associados de Lisboa na noite de 24 para 25 de abril de 1974, como primeira senha para o avanço dos militares revolucionários, confirmada uma hora depois pela transmissão de *Grândola vila morena*.

Existiu desde os anos 60 um intenso movimento de protesto político através

da música, com textos de intervenção, muitas vezes velados para escapar à censura. A maior parte dos seus principais protagonistas exilara-se em Paris, deixara-se influenciar pela canção francesa (Brassens, Ferré, Brel) e desenvolvera intensa atividade musical, sobretudo junto de emigrantes e outros exilados. Outros conseguiram manter-se em Portugal, quase sempre perseguidos pelo regime. Depois de 1974, todos se integraram num amplo movimento de divulgação musical e cultural, agora sem limitações, gravando e fazendo espetáculos pelo país, dando origem a um intenso processo de renovação da música portuguesa, por oposição ao “nacional-cançonetismo”. Deixando (infelizmente) de fora nomes como Adriano Correia de Oliveira, Pedro Barroso, Francisco Fanhais, Fausto, Janita Salomé e outros, incluímos neste programa apenas Zeca Afonso, Nuno Guimarães, Luís Cília, Sérgio Godinho, José Mário Branco e Vitorino.

Nuno Guimarães (1942-1973), guitarrista e cantor, foi um dos renovadores do fado de Coimbra. A sua *Canção dos marinheiros* tem um arranjo vocal de Tiago Marques. Luís Cília (n. 1943) esteve exilado em Paris entre 1964 e 1974. A sua *Canção do desertor* tem um arranjo de Miguel Jesus. Vitorino (n. 1941), também exilado em Paris desde 1969, cultiva as raízes alentejanas, incluindo-as nas suas líricas canções. A *Ilha de Samui* tem um arranjo de Jorge Matta.

José Mário Branco (1942-2019) desde cedo se empenhou na canção de protesto.

Em Paris desde 1963, foi, em parceria com Sérgio Godinho, um dos grandes inovadores do panorama musical português, sobretudo através da pesquisa sonora e da instrumentação das suas canções. *O nevoeiro* tem um arranjo de Miguel Almeida.

Sérgio Godinho (n. 1945), exilado em Amesterdão e Paris e com alguma influência da canção francesa, é, como ele próprio se apelida, um “cantautor”. Ultrapassa a canção de intervenção através de uma linguagem musical muito própria, de uma utilização requintada da poesia, criando as “cacofonias” intencionais, os jogos sonoros de palavras. *O galo é o dono dos ovos* é um perfeito exemplo disso, aqui com um arranjo de Fernando Lapa.

José [Zeca] Afonso (1929-1987), estudante em Coimbra, foi desde cedo uma referência na luta política académica. Teve uma vida errante, entre Moçambique e Portugal, professor de liceu em várias cidades, até ser afastado por razões políticas e se dedicar inteiramente à música. Muito para além de um cantor de intervenção, foi um verdadeiro poeta e um compositor de exceção, sintetizando a canção coimbrã, a canção rural e o canto trovadoresco, sempre com textos politicamente empenhados, mas que não perdem um intenso lirismo poético; três delas incluídas num derradeiro “Triptico Afonsino” de Eurico Carrapatoso (n. 1962).

JORGE MATTA

Jorge Matta

Maestro e consultor artístico do Coro Gulbenkian, Jorge Matta é doutorado em Musicologia Histórica pela Universidade Nova de Lisboa, onde lecionou no Departamento de Ciências Musicais. Investigador, editor e intérprete, tem-se destacado pela recuperação e divulgação do património musical português, incluindo estreias absolutas e primeiras audições modernas. O CD *Música Portuguesa do Séc. XVIII* foi distinguido com o prémio *Discobole* da Academia Francesa do Disco. Como autor e intérprete, gravou para a televisão as séries de programas *Música de Corte no Palácio da Ajuda* (1986), *Tempos da Música* (1988) e *Percursos da Música Portuguesa* (2008). Participou em importantes festivais de música em Portugal, na Europa, em Israel, na China e nos EUA. Foi Diretor do Teatro Nacional de São Carlos e Presidente da Comissão de Acompanhamento das Orquestras Regionais.

João Barradas

João Barradas destaca-se como um dos músicos mais criativos no panorama do acordeão europeu, movendo-se entre a tradição clássica e a música improvisada. É o responsável pelos primeiros recitais de acordeão em programações tão distintas como as da Wiener Konzerthaus, da Fundação Calouste Gulbenkian ou do Festival d'Aix-en-Provence e apresenta-se como solista com a Orquestra Filarmónica de Londres, a Orquestra do Tonhalle de Zurique, a Sinfónica de Hamburgo ou a Orquestra de Câmara de Colónia, sob a direção de prestigiados maestros como Edward Gardner, Alondra de la Parra, Sylvain Cambreling ou Christoph Poppen. No mundo do jazz, tem aumentado a influência do seu instrumento, colaborando com alguns dos mais importantes improvisadores contemporâneos, tais como, Mark Turner, Peter Evans, Aka Moon, Greg Osby,

David Binney e Gil Goldstein e formações alargadas como a Brussels Jazz Orchestra. Foi nomeado ECHO Rising Star pela European Concert Hall Organisation em 2019. Na presente temporada será o Artista em Residência na Casa da Música, no Porto, e foi distinguido com o Sir Jeffrey Tate Award, na Alemanha.

Inês Mesquita

Inês Mesquita divide a sua vida entre a música e as artes visuais. Natural de Coimbra, começou a estudar piano aos seis anos de idade. Concluiu a Licenciatura em Piano na Escola Superior de Música de Lisboa, na classe da professora Tania Achat. Como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, aperfeiçoou os seus conhecimentos na Accademia Europea di Musica, em Milão, com o pianista Lazar Berman. Durante esse período obteve diversos prémios, de entre os quais se destaca o primeiro lugar na 17.ª edição do Prémio Jovens Músicos, que a levou a apresentar-se como solista com a Orquestra Gulbenkian. Ao longo do seu percurso artístico, atuou em diversos palcos nacionais e internacionais, efetuando digressões que a levaram aos EUA, Espanha, Itália, Áustria, República Checa, Reino Unido, Croácia, França, Timor, Indonésia, Índia, Tunísia, Etiópia, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Como artista convidada, colabora frequentemente com a Orquestra Gulbenkian, tendo igualmente colaborado com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Em paralelo, concluiu a Licenciatura em Desenho na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e participa, desde 2013, em várias exposições individuais e coletivas. Atualmente, é pianista acompanhadora na Academia de Música de Santa Cecília e professora assistente convidada do Departamento de Desenho da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris.

O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Inês Tavares Lopes é maestra adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

GULBENKIAN.PT